

# O PRINCÍPIO DE TUDO: UMA INTERPRETAÇÃO SOB A ÓTICA DA TEOLOGIA E DAS GEOCIÊNCIAS

Filipe Abreu de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

O trabalho apresenta uma proposta interpretativa da Criação descrita em Gênesis 1 e 2, baseada em uma análise comparativa e convergente, entre Teologia e Geociências, da gênese do Universo até o surgimento do homem. Essa abordagem fundamenta-se na tentativa de correlação dos eventos criativos, tanto pelo olhar autoral do Livro de Gênesis, como pelos modelos mais atuais adotados pela Geologia. O termo tempo foi abordado numa vertente seqüencial dos eventos e não cronológica absoluta no processo comparativo, para facilitar a visualização da correlação, visto que, a cronologia (antropológica e geológica), nesse contexto, gera mais conflito que “proto-cooperação”.

**Palavras-chave:** Gênesis; Teologia; Geociências; Interpretação; Modelo.

## ABSTRACT

The work presents an interpretative proposal of the Creation described in Genesis 1 and 2, based on a comparative and convergent analysis, between Theology and Geosciences, from the genesis of the Universe to the emergence of man. This approach is based on the attempt to correlate creative events, both by the authorial look of the Book of Genesis, and by the most current models adopted by Geology. The term time was approached in a sequence of events and not absolute chronological in the comparative process, to facilitate the visualization of the correlation, since the chronology (anthropological and geological), in this context, generates more conflict than "proto-cooperation".

**Keywords:** Genesis; Theology; Geosciences; Interpretation; Model.

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, saber a origem de tudo, como foi formado, quando ocorreu, por que foi formado, quem criou, tem evoluído a maneira de enxergar o que está ao redor. Os diversos ramos da Ciência (Geologia, Geocronologia, Geoquímica,

---

<sup>1</sup>Diacono da Assembléia de Deus em Parada Angélica (ADPA) – Ministério Ebenézer em Duque de Caxias – RJ. Superintendente de EBD da ADPA. Geólogo formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestrando em Geociências (Patrimônio Geopaleontológico) no Museu Nacional da UFRJ, filipegeologia@hotmail.com.

Astronomia, Cosmoquímica, Astrobiologia, Biologia, Bioquímica) formam um compêndio de ferramentas que nos auxiliam a encontrar respostas a esses questionamentos. É impressionante como a Bíblia Sagrada, no cânon veterotestamentário com Gênesis e no neotestamentário com o Evangelho de João, torna-se uma fonte literária indispensável à compreensão do assunto.

Um grande problema hermenêutico se detém na análise isolada da Geociência ou da Teologia, onde ambas não se observam. Mas, nesse contexto de conflitos epistemológicos, é apresentada uma visão convergente. O que parece antagônico e desconecto ganha uma nova roupagem. Tanto Geociências como Teologia mostram o Criador por ângulos distintos, e que, se o observador usar as lentes corretas para corrigir essa “miopia”, perceberá uma imagem mais clara sobre *Elohim*<sup>2</sup>. Um processo semelhante que logrou êxito foi à inserção da Arqueologia no estudo da Teologia. Houve expansão de um dos seus ramos, a Arqueologia Bíblica, que atualmente é uma disciplina indispensável ao estudante de Teologia.

Tanto a Teologia com a Bíblia, quanto a Geociência com os indícios e Leis da Natureza, descrevem o Criador sob perspectivas diferentes. Aparentemente se conflitam com a questão temporal, a Teologia cita *yom*<sup>3</sup> (o termo hebraico para dia) e a Geocronologia, bilhões de anos (Datação Radiométrica). Ao convergir o prisma analítico para outros aspectos, uma nova visão é desenvolvida, onde ambas fazem sentido e se unem para mostrar uma pequena porção da real grandeza do Criador.

## 1. GÊNESIS 1 E 2 SOB A LENTE TEOLÓGICA

Na narrativa da Criação são expostos os primeiros conceitos teológicos a cerca de Deus: Criador, Onipotente e Eterno. Foram analisados os capítulos 1 e 2 de Gênesis, sob o foco contextual histórico e informações literárias peculiares. Nesses capítulos iniciais do Pentateuco, o autor Moisés<sup>4</sup> (foi considerado a vertente teológica que assume a autoria mosaica para o Pentateuco, apesar de existirem outras vertentes que propõem a Hipótese Documentária) introduz aos hebreus os fundamentos de um novo governo, a Teocracia. No novo governo, os hebreus não seriam mais escravos e limitados por uma cultura e religiosidade egípcia, nem dominados por novos povos a caminho de Canaã, onde outras culturas e religiões poderiam ser

---

<sup>2</sup> Nome hebraico: plural de Eloah, deuses, mas usada especificamente para o Deus supremo.

<sup>3</sup> Nome hebraico: de uma raiz desusada que significa estar quente; um dia, seja literal ou figurado. Substantivo masculino que pode significar dia, tempo, ano. Representa o conceito mais básico de tempo no A.T.

<sup>4</sup> ANDRADE, Claudionor de. Adoração, Santidade e Serviço: Os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico. *Lições Bíblicas Aluno*, Rio de Janeiro, 3º Trimestre, p.5-6, 2018.

inseridas à proto-nação. Os hebreus receberam um manual religioso monoteísta, uma nova legislação para se tornarem uma nação, uma nova defesa de fé, um novo conceito de cultura, moral, civilização e religiosidade.

Um dos pilares mais fortes de apologética dado ao povo foi o texto de Gn 1 e 2. O monoteísmo é apresentado e defendido como uma tese num estilo literário poético-narrativo, contrapondo-se às mitologias de criação dos povos que tiveram e iriam ter contato com os hebreus. Todos esses povos têm uma característica comum: o politeísmo, e conseqüentemente, a idolatria.

Gênesis 1 e 2 não se trata de um texto científico, nem tem a intenção de sê-lo. Também não é um confronto (Apologética) perante a Teoria Evolucionista, esta surgiu muito tempo depois com Charles Darwin, em 1859 d.C., desenvolvida no Livro Origem das Espécies. Os dois primeiros capítulos do livro de Gênesis apresentam gênero literário poético-narrativo, segundo um estilo hebraico peculiar. O objetivo geral é apresentar YHWH<sup>5</sup> como Criador e único Deus de tudo o que é visível e invisível. Os elementos destacados no ato criativo confrontam a grandeza das divindades pagãs. O sétimo dia da Criação insere o conceito de descanso (expondo o exemplo de YHWH concluindo sua obra) e dedicação ao SENHOR, já que agora não seriam escravos, mas uma nação.

Sob esse aspecto, vemos um cenário que se desenvolve durante a peregrinação dos hebreus, num momento compreendido entre a passagem do Mar Vermelho até a morte de Moisés (às portas da Terra Prometida), portanto no deserto.

A obra descreve de forma didática a ordem do processo criativo de Deus, enfatizando o conceito temporal à realidade vivida pela recém-liberta proto-nação israelita (escala temporal antropológica para a criação). Fica evidenciado que a poesia descrita em Gênesis 1 e 2, que é de fato, uma das formas pedagógicas e peculiares dos hebreus ao contarem suas histórias, faz-se necessária para apresentar uma lista apologética perante os povos politeístas, declarando que YHWH é superior a todas as divindades, visto que, o que esses povos denotam como deus, na verdade, são obras das mãos do Criador.

Limitando os eventos criativos de YHWY, que são bem marcados pela repetição do termo “... e foi a tarde e a manhã: o dia...”, o termo *Yôm* é analisado como uma ferramenta didática para o povo compreender a sucessão criativa de Deus ao mesmo tempo em que se faz à apologética. Cada evento criativo é bem marcado com suas características e razão pela qual

---

<sup>5</sup> Tetragrama usado pelos hebreus para representar o Nome Sagrado de Deus.

foram criados. Ao todo, são descritos seis *dias* de criação com mais um de descanso (representando o fim da obra criadora) do próprio Deus.

YÔM 7	DESCANSO
YÔM 6	RÉPTEIS (hebraico remes) / BESTAS FERAS / MAMÍFEROS / HOMEM
YÔM 5	VIDA MARINHA (Enxame minúsculo) RÉPTEIS (hebraico seres – animais minúsculos que se rastejam) / VIDA MARINHA DE GRANDE PORTE / RÉPTEIS / AVES
YÔM 4	LUMINARES (Sol / Lua / Estrelas)
YÔM 3	TERRA / MARES / PLANTAS (Erva verde / Erva com sementes / Árvore frutífera)
YÔM 2	EXPANSÃO E SEPARAÇÃO NO MEIO DAS ÁGUAS (Céus)
YÔM 1	LUZ (Separação entre luz e trevas)

*Tab.1 – Coluna Evento-Cronoestratigráfica da Criação em Gênesis I*

## 2. COMO TUDO COMEÇOU SOB A LENTE DAS GEOCIÊNCIAS

Há, aproximadamente, 15 Ga tudo o que existe estava sendo criado, inclusive o tempo. Esse é o ponto de partida, na Singularidade (T=0). O modelo descrito a seguir (Teoria da Grande Expansão, conhecida como a Teoria do Big Bang, o modelo original é Grande Expansão, mas popularizou-se como a Grande Explosão) é o modelo mais aceito pela comunidade científica, e, se tornou a mais atualizada forma de se contar a história do Universo.

Tudo o que existe estava concentrado e comprimido a uma pressão infinita e a uma temperatura infinita. Não havia tempo nem espaço. Um colapso (facilmente correlacionado com o “haja”) fez com que se iniciasse uma expansão e instabilidade. Nos primeiros  $10^{-43}$  s iniciava a Era de Planck, originando um processo de instabilidade e rápida expansão, onde toda a matéria estava sob forma de energia. Era o “start” do processo de transformação de energia em matéria. Uma das primeiras partículas a surgir foi o **fóton** (partícula que compõe a luz).

A partir dos  $10^{-32}$  s o Universo começou a inflar formando prótons, nêutrons e elétrons numa densa nuvem. Na seqüência, os átomos dos elementos mais leves. Até  $10^{-7}$  s foram criadas as partículas leves e pesadas. Em 10.000 anos, após a instabilidade, a matéria predominava sobre a energia. Houve uma conversão de energia em matéria. Em 300.000 anos, o Universo torna-se transparente e visível, o que era apenas um nevoeiro, apresenta forma e, sempre em movimento, com núcleos se atraindo (Força Gravitacional) e formando porções maiores.

Em 1 Ga<sup>6</sup> tem-se a formação das Galáxias, neste momento a temperatura do Universo diminui, bem como a pressão, expansão, rotação e aglutinação de porções. Nessa dinâmica galáctica as porções mais distais, que ficam nos “braços” das galáxias, têm maior velocidade (Força Centrípeta), com elementos mais leves. As porções mais proximais, nos centros, têm menor velocidade e concentram os elementos mais pesados. Estamos diante de uma **expansão do Universo** (a figura da bexiga inflando retrata esse modelo de expansão) e formação das Galáxias, Estrelas e Conglomerados de Galáxias. Uma dessas galáxias é a Via Láctea, onde vivemos. Na Via Láctea faremos um “zoom” no nosso Sistema Solar.

O Sol é uma estrela comum dentre cerca de 100 bilhões de outras estrelas na Via Láctea. Ele equivale a cerca de 99.85% do total da massa do Sistema Solar. É composto de, aproximadamente, 75 % do peso de H e 25 % do peso de He. A gênese solar está correlacionada à gênese planetária orbitante, há cerca de 4.6 Ga. Os quatro primeiros planetas que orbitam o Sol foram denominados de planetas interiores, são mais densos, rochosos, silicáticos e menores (Mercúrio, Vênus, Terra (com a Lua como satélite da Terra) e Marte), seguidos de um Cinturão de asteróides e cometas, após o cinturão, outros quatro planetas seguem, são gasosos, maiores e com anéis (Júpiter, Saturno, Urano e Netuno). Existem cerca de 10 bilhões de galáxias no Universo.

ERA	ERA	PERÍODO	ÉPOCA	TEMPO
FANEROZOICO	CENOZOICO	Quaternário	Holoceno	11.500 anos
			Pleistoceno	1.8 Ma
		Terciário	Plioceno	5 Ma
			Mioceno	23 Ma
			Oligoceno	34 Ma
			Eoceno	56 Ma
			Paloceno	65 Ma
			Cretáceo	145 Ma
		MESOZOICO	Jurássico	200 Ma
			Triássico	251 Ma
	Permiano		299 Ma	
	Carbonífero		359 Ma	
	PALEOZOICO	Devoniano	416 Ma	
		Siluriano	444 Ma	
Ordoviciano		489 Ma		
Cambriano		570 Ma		
PRÉ-CAMBRIANO		PROTEROZOICO		
		ARQUEANO		4.2 Ga
	HADEANO		4.56 Ga	

*Ma = Milhões de anos / Ga = Bilhões de anos*

Tab.2 – Escala de Tempo Geológico da Terra

Há, aproximadamente, 4.6 Ga começava a história geológica da Terra, onde a mesma ainda estava “sem forma e sem vida” (Gn 1.2). Para se familiarizar com a nomenclatura de Tempo Geológico é aconselhável observar a tab.2.

<sup>6</sup> 1Ga = 1 Bilhão de Anos.

No Hadeano, todo o material presente era magma associado à intensa atividade vulcânica, não havia crosta, o manto não tinha “proteção”, ficava exposto. A partir de então, há a formação do nosso satélite, a Lua, onde a história genética tem quatro teorias associadas: Co-acresção, Fissão, Captura e Impacto. Não será abordada nenhuma das teorias de gênese lunar devido ao limite de páginas. Passando para o Arqueano, tem-se a formação de porções da Crosta chamadas de Cráton, que são os resquícios da crosta mais antiga e rígida da Terra. Essa porção é a parte mais rígida da superfície. Nesse estágio formaram-se placas, denominadas de Placas Tectônicas, que fizeram a “vedação” do Manto. Podem ser continentais ou oceânicas, e se movimentam lateral (transcorrência), convergente ou divergentemente, formando limites distintos e, por conseguinte, feições diferentes do relevo.

Seguindo ascendentemente para o Proterozóico, originam-se padrões e arranjos de configurações continentais e marinhas. Há registros dos primeiros seres unicelulares (algas azuis) e a vida surgindo no oceano, passando para seres pluricelulares. Nesse estágio, a Terra passou de condições redutoras à oxidantes, o que possibilitou a expansão da vida.

No Eón<sup>7</sup> Fanerozóico há um evento abrupto, a “explosão de vida cambriana”. No Paleozóico, do Período Cambriano ao Permiano, vemos o aparecimento de vida e uma abundância de espécies associadas. Inicia-se com vida marinha, a saber: moluscos, vida aquática com animais de corpos moles e de carapaças carbonáticas. Apesar de seu início ter uma abundância de vida, o seu final é marcado por uma extinção de quase 90% de todas as espécies marinhas. No Ordoviciano há uma fauna que substituiu a primitiva cambriana, novos tipos de invertebrados. Plantas primitivas desenvolvem-se em terra, até então, totalmente estéril. No Siluriano aparecem os primeiros recifes de corais, bem como os primeiros vegetais terrestres, há evidências de vida em terra com aparecimento de insetos parecidos com aranhas e centopéias.

O Devoniano, conhecido como a “idade dos peixes”, marca uma diversificação rápida dos peixes, especialmente tubarões primitivos. Florestas densas surgiram, com árvores de 30 metros ou mais de altura. No fim desse período há registro dos primeiros anfíbios. As gimnospermas surgem no Devoniano Superior, o que permitiu as plantas uma expansão em áreas mais secas. O Carbonífero é marcado pela vegetação exuberante, com vastas áreas no globo. Surge, então, aves e ovos amnióticos, que permitiram a reprodução em terra, impedindo a dissecação do embrião. O Permiano tem como característica peculiar os répteis mais

---

<sup>7</sup> Termo geológico: A maior divisão da Escala de Tempo Geológico. Abrange mais de uma Era Geológica.

primitivos da história, o clímax dos anfíbios, peixes ósseos e cartilagosos. Assim finaliza o último período geológico da Era Paleozóica.

Sucedendo a Era Paleozóica, temos a Mesozóica, dividida em três períodos: Triássico, Jurássico e Cretáceo, do mais antigo para o mais recente. Esta Era é conhecida pelo surgimento, abundância e extinção dos dinossauros. No início, toda a superfície terrestre se concentrava num único continente chamado Pangea, porém com o tempo este Super Continente começou a fragmentar-se em dois continentes: Laurásia e Gondwana. Foi o tempo de domínio dos répteis (dinossauros), onde os mesmos conquistaram a Terra e desapareceram mais tarde (final do Cretáceo), de forma misteriosa, sendo as causas mais prováveis: a colisão de meteorito e vulcanismo associado. Essa foi a segunda maior extinção em massa da Terra.

Na passagem Cretáceo-Terciário (Mesozóico-Cenozóico), conhecido como Limite K-T, tem-se registrada uma cratera de impacto de meteorito, com, aproximadamente, 2.5 Km de diâmetro, e uma camada concentrada de Irídio (elemento externo), aliado à depósitos de derrames de lavas (vulcanismo basáltico). Isso evidencia um **evento catastrófico** com extinção em massa (registros fósseis) e abertura de oceanos (configuração continental devido a Tectônica de Placas).

No Cenozóico, era posterior ao Mesozóico, há o desenvolvimento dos mamíferos, com tamanhos superiores aos de hoje (mega fauna), evidenciada por registros fósseis. Essa mega fauna é registrada por fósseis de preguiças gigantes, tigres dente-de-sabre, mamutes e outros. O homem surge por último e está a pouquíssimo tempo no planeta, se comparado aos demais seres, mas é o que mais interferiu na Terra, apesar de viver na casquinha (Crosta) dela.

### **3. UMA INTERPRETAÇÃO CONVERGENTE SOB AS LENTES DA TEOLOGIA E DAS GEOCIÊNCIAS**

Aparentemente, as duas lentes observadas (Teológica e Geológica) são divergentes e conflitantes. Essa aparência é que tem tirado a serventia de ambas para seus fins e criado séculos de conflitos epistemológicos e preconceitos. Será apresentada uma forma simples de utilizar ambas as lentes, assim como os óculos de um míope.

Segundo Gn 1.3, no primeiro Dia (a seqüência temporal está sendo usada apenas para limitar os eventos e não como marcação cronológica exata ou aproximada) é criada a luz: “Haja Luz...”, como visto também no modelo geocientífico de formação do Universo. O primeiro cenário após a instabilidade (Grande Expansão) é o surgimento do **fóton**, que é a partícula que

compõe a luz. Em Jo 1.1 é registrado que Jesus Cristo é a palavra criadora de Deus, onde Ele, Deus e o Espírito Santo faziam parte do processo em unidade. Veremos adiante que, **todo a separação dos dias da Criação de Gênesis 1, pode ser associada a eventos catastróficos registrados.**

A Criação *Ex Nihilo* é marcada pelo primeiro evento catastrófico, a instabilidade de um ponto, onde tudo o que existe estava concentrado ali. A palavra no Evangelho de João, Jesus Cristo, criou tudo o que viria a existir, porque “nEle, por Ele, para Ele são todas as coisas...”. O haja Luz pode ser associado à formação do fóton, que é um dos primeiros eventos à luz das Geociências.

Em Gn 1.6 há o relato da expansão no meio das águas, separando águas e águas. Esse episódio é muito similar à história de desenvolvimento da Nebulosa e a expansão do Universo. Como Gênesis não é um livro científico, não se cunha em aferir detalhes acadêmicos aos hebreus. Gênesis apenas averigua Deus dando seqüência ao seu ato criativo e segue com o segundo Dia. Nesse estágio, após a formação de átomos, moléculas e nucleossíntese, com o Universo ainda com aspecto neblinar, pode-se correlacionar ao evento expansivo descrito em Gênesis. Associo aqui, a separação entre águas e águas com a separação (isotrópica<sup>8</sup> ou não) de núcleos ou porções da Nebulosa. Deus criou e É superior as águas ou as Galáxias, essa é a mensagem. Essa expansão foi chamada de Céus.

Decorrendo a poesia em narrativa alcançamos o terceiro Dia, que, de uma forma simples, objetiva e impressionante, retrata a formação da Terra, configuração continental, Tectônica de Placas e Ciclo de Wilson (ciclo de abertura e fechamento de oceano), “transliterando” a linguagem científica em uma acessível a todos, apesa. Deus é muito sábio e didático!

Gn 1.9-13 retrata a evolução do trabalho criativo de Deus, não mais no Universo de uma forma abrangente, agora específico na Terra. Moisés não cita os planetas, outros sistemas solares ou qualquer outra obra celeste (exceção das estrelas, sol e lua), pois a visão deveria ser voltada ao contexto humano (visão antropológica) e a apologética ao politeísmo. As obras do terceiro Dia foram: **ajuntamento de águas abaixo da expansão num só lugar, aparecimento de terra seca e aparecimento de vegetação** (briófita/pteridófitas/gimnosperma/angiosperma na seqüência descrita). No capítulo dois de Gênesis, vemos outra forma narrativa do mesmo ato criativo. Dessa vez há um detalhe a ser somado ao terceiro Dia: Gn 2.5-6 (o vapor que subia da terra e a regava).

---

<sup>8</sup> Termo que designa dispersão igual para todos os lados

Toda essa imagem converge com a história geológica da Terra descrita anteriormente. Temos no Arqueano, vulcanismo e formação de Crosta, formação de Cráton (resquício da crosta primitiva), de placas litosféricas e arranjo tectônico que originou em um padrão de um super continente, com um único mar, e, posterior, chegada das plantas seguindo a seqüência de tipologia vegetal supracitada.

Adiante, na passagem para o quarto Dia, em Gn 1.14-19, Moisés exhibe a gênese dos luminares (sol e lua) e sua finalidade, registrar e separar o tempo. Também faz menção das estrelas, onde contrasta com divindades pagãs, como é apresentado no livro *O Deus dos semitas*<sup>9</sup>, onde as divindades na Suméria eram figuradas pelo símbolo de estrela (celeste).

Gênesis descreve o tamanho desses luminares, o sol maior e a lua menor, e o período que ambos se apresentavam no “céu”. Aqui reside, para um leitor desatento, um grave problema: na seqüência geológica, as plantas vieram depois do sol, lua e estrelas. Estaria o quarto Dia invertido com o terceiro? Essa dúvida é esclarecida quando olhamos para a maneira como foram compilados os evangelhos sinóticos. Existem trechos em que, num mesmo episódio, os autores o registram com forma, detalhes e versões diferentes. Trechos de milagres com detalhes diferentes. Sabemos que isso é o que dá veracidade aos evangelhos sinóticos.

Cada autor tem sua personalidade, sua forma de enxergar o fato, sua seqüência. Deus inspira o autor, mas não tira sua personalidade dos escritos. O mesmo ocorre quando analiso o “aparente” contraste seqüencial dos dias três e quatro. Se compreendermos que esse relato não é científico e não tem essa intenção, mas mostrar Deus como Criador e Soberano a tudo, notaremos que a Teologia e as Geociências são como autores de um texto sinótico, assim como os evangelhos, onde cada personalidade, tanto a dos hebreus como da ciência moderna, é mantida, cada uma analisando segundo sua visão de mundo, mas retratando e evidenciando o mesmo Criador.

Em Gn 1.20-22, aparece no cenário algo novo, o surgimento da vida animal, especificamente nas águas e posteriormente a criação das aves. O termo répteis (*seres*<sup>10</sup>), no vv.20, faz referência a enxame minúsculo de rastejantes, segundo o dicionário da Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. No vv.21 o termo para mencionar monstros marinhos, crocodilos ou serpentes marinhas, que também está traduzido por baleia, é *tannîn*<sup>11</sup>. Vemos o surgimento de vida aquática. Há, seqüencialmente, a Era Paleozóica, e seu início

---

<sup>9</sup> TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos semitas*. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p.26-27.

<sup>10</sup> Termo hebraico: Significa um enxame, massa ativa de animais minúsculos – réptil, inseto, que enxameia.

<sup>11</sup> Termo hebraico: Significa um monstro marinho ou terrestre, serpente do mar, baleia, crocodilo.

registra uma “explosão de vida”, essa vida, essencialmente marinha. No final dessa Era (Período Permiano) há o maior evento de extinção que o planeta experimentou.

O sexto Dia está exposto em Gn. 1.24-31 com o aparecimento de vida predominantemente terrestre (gado, termo para representar mamíferos, répteis (agora o termo é *remes*<sup>12</sup>), bestas-feras e o homem por último). Comutarei a Era Mesozóica e Cenozóica para abranger o sexto Dia (essa comutação é apenas para englobar os seres e eventos criativos e não para associar algum fator temporal em que se associa um Dia a uma Era). No Mesozóico tem-se a abundância dos répteis maiores (dinossauros), seguidos de sua extinção na passagem para o Cenozóico (queda de meteorito e vulcanismo associado). O Cenozóico é a Era dos mamíferos e no seu final, Holoceno, tem-se o aparecimento do homem.

## CONCLUSÃO

Ao contemplar as duas lentes, aqui abordadas sucintamente, percebemos uma bela história do processo criativo de Deus. O que, isoladamente e sem conectividade, pode parecer antagônico, na verdade é outra perspectiva da mesma história. Ao se aliarem, tornam uma ferramenta importantíssima para responder as nossas perguntas sobre as origens.

Obteve-se um trend convergente dos eventos criados em sua ordem, exceto pela inversão que é percebida na análise do YÔM 3 e 4 com o modelo sequencial atual da Geologia (ver tab. 3 abaixo). Não podemos ler Gênesis como um Livro de ciência que faz apologética perante o Evolucionismo. Deus se revela através de 3 perspectivas: Escritura, Natureza e experiências pessoais, que são corroboradas pela Escritura. Para qualquer efeito escolha as três.

---

<sup>12</sup> Termo hebraico: Significa um réptil, ou qualquer outro animal que se move rapidamente.

EVENTOS DA CRIAÇÃO EM GÊNESIS		EVENTOS SEGUNDO O MODELO GEOLÓGICO ATUAL	
DESCANSO			PRIMEIROS HOMENS
RÉPTEIS (hebraico remes) / BESTAS FERAS / MAMÍFEROS / HOMEM			MEGAFAUNA
VIDA MARINHA (Enxame minúsculo) RÉPTEIS (hebraico seres – animais minúsculos que se rastejam) / VIDA MARINHA DE GRANDE PORTE / RÉPTEIS / AVES			RÁPIDA EXPANSÃO DOS RUMINANTES
LUMINARES (Sol / Lua / Estrelas)			PRIMEIROS ELEFANTES
TERRA <sup>1</sup> / MARES <sup>2</sup> / PLANTAS (Erva verde <sup>3</sup> / Erva com sementes <sup>4</sup> / Árvore frutífera <sup>5</sup> )			PRIMEIROS CAVALOS E CAMELOS
EXPANSÃO E SEPARAÇÃO NO MEIO DAS ÁGUAS (Céus)			PRIMEIROS PRIMATAS
LUZ (Separação entre luz e trevas)			ANGIOSPERMAS <sup>1</sup> / AVES / GRANDES RÉPTEIS (DINOSSAUROS)
LEGENDA			GRANDES FLORESTAS E PRIMEIROS RÉPTEIS + GIMNOSPERMAS <sup>1</sup> > ANFÍBIOS INSETOS E ANFÍBIOS MAIS ANTIGOS /
	EVENTO CATASTRÓFICO OU EXTINÇÃO		PRIMEIROS VEGETAIS TERRESTRES <sup>2</sup> + PEIXES COM MANDÍBULAS
			PEIXES + LIQUENS E BRIÓFITAS <sup>2</sup>
			"EXPLOSAO DE VIDA MARINHA" (CORPOS MOLES) CONFIGURAÇÕES CONTINENTAIS <sup>1</sup> E MARINHAS <sup>2</sup> +
			ALGAS / BACTÉRIAS
			MAGMA EXPOSTO / FORMAÇÃO DE CRÁTON <sup>1</sup> E DA LUA
			GÊNESE DO SISTEMA SOLAR NA VIA LÁCTEA. (SOL + PLANETAS ROCHOSOS E GASOSOS + CINTURÃO DE ASTERÓIDES)
			COLAPSO, INÍCIO DE UMA EXPANSÃO E INSTABILIDADE. ERA DE PLANCK. INSTABILIDADE E RÁPIDA EXPANSÃO. UMA DAS PRIMEIRAS PARTÍCULAS A SURTIR FOI O FÓTON (PARTÍCULA QUE COMPÕE A LUZ)

Tab.3 – Comparação entre o Modelo da Criação descrito em Gênesis e o Modelo Sequencial da Gênese do Universo e da Terra segundo as Geociências

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. Adoração, Santidade e Serviço: Os princípios de Deus para a sua Igreja em Levítico. *Lições Bíblicas Aluno*, Rio de Janeiro, 3º Trimestre, p.5-6, 2018.

ANDRADE, Claudionor de. O Começo de Todas as Coisas: Estudos sobre o livro de Gênesis. *Lições Bíblicas Aluno*, Rio de Janeiro, 4º Trimestre, p.1-17, 2015.

*Bíblia de Estudo Arqueológica NVI*. 1ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2013.

*Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução de Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Ampliada. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

*Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. Tradução de Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. vol. 1: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. São Paulo: Hagnos, 2001, p.5-29.

- HARRISON, R.K. *Tempos do Antigo Testamento – Um Contexto Social, Político e Cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p.1-63.
- HINDSON, Edward E..YATES, Gary. *A Essência do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014, p.1-59.
- LONGMAN III, Tremper. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- LOURENÇO, Adauto. *Como Tudo Começou – Uma introdução ao Criacionismo*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007.
- NORTON, O. Richard. *The Cambridge Encyclopedia of Meteorites*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.1-306.
- RAJA GABAGLIA, Guilherme Pederneiras. MILANI, Edison José. *Origem e Evolução de Bacias Sedimentares*. Rio de Janeiro: Ed. Gávea,1990, p.1-31.
- SOARES, Esequias. A razão da nossa fé: assim cremos, assim vivemos. *Lições Bíblicas Professor*, Rio de Janeiro, 3º Trimestre, p.1-16, 2017.
- SOARES, Esequias. *A razão da nossa fé: assim cremos, assim vivemos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.1-28.
- SOARES, Esequias. Os Dez Mandamentos: Valores divinos para uma sociedade em constante mudança. *Lições Bíblicas Professor*, Rio de Janeiro, 1º Trimestre, p.1-96, 2015.
- TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos semitas*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ZUCOLOTTI, Maria Elizabeth. FONSECA, Ariadne do Carmo. ANTONELLO, Loiva Lília. *Decifrando os Meteoritos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional, 2013.